



ANA PAULA
CORRÊA ANTÔNIO

*Em um jardim de flores: a
pesquisa na formação das
professoras de artes.*

CRICIÚMA, PRIMAVERA
2018

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

ANA PAULA CORRÊA ANTÔNIO

**EM UM JARDIM DE FLORES: A PESQUISA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS
DE ARTES.**

CRICIÚMA, NOVEMBRO 2018

ANA PAULA CORRÊA ANTONIO

**EM UM JARDIM DE FLORES: A PESQUISA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS
DE ARTES.**

**Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do grau de
Licenciatura plena no curso de Artes
Visuais da Universidade do Extremo Sul
Catarinense, UNESC.**

Orientadora: Profa Dra. Aurélia Regina de
Souza Honorato

CRICIÚMA, NOVEMBRO 2018

ANA PAULA CORRÊA ANTÔNIO

**EM UM JARDIM DE FLORES: A PESQUISA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS
DE ARTES.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 19 de Novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato - UNESC

Prof. Me. Marcelo Feldhaus - UNESC

Profa. Me. Daniele Cristina Zacarão Pereira - UNESC

Dedico esse trabalho e conquista a memória do meu pai que já não está mais comigo, a minha mãe Eliziane, irmãos Andreza e José, e a minha companheira amada Gabrielle que diante de todos os problemas se manteve calma e paciente.

AGRADECIMENTOS

Início os agradecimentos voltando olhares, revivendo histórias. Percebo quanto caminho percorri até aqui, quantas pessoas ganhei e quantas perdi nesse percurso de quatro anos na universidade. Mas volto meus olhares para um pouco antes disso, lá no terceiro ano do ensino médio, no ano de 2014 quando conheci uma professora de Artes que me ensinou muitos princípios, e, além disso, me ensinou também o amor pela profissão, hoje, não poderia deixar de agradecê-la, pois chegamos aqui, ela e eu.

Eu, futura professora e ela doutora, minha orientadora Aurélia Honorato, esse agradecimento dedico também a você. Obrigada pela paciência e por toda dedicação, amor e carinho. Você é com certeza, muito especial para mim e para minha profissão.

Agora, dedico esse trabalho também a alguém que lá no ano de 2016 decidiu estar ao meu lado e desde então o fez com muito amor, afeto e paciência... haja paciência! Alguém que eu amo, e em quem vejo um futuro brilhante. Obrigada pelo apoio, por estar ao meu lado, e por permanecer Gabi.

Mãe e irmãos, agradeço também ao apoio e mesmo com a distância me deram forças para continuar.

Pai, você foi indispensável nesse caminho, perder você foi uma rocha que surgiu no meio da minha estrada de ouro, mas eu consegui! Cheguei aqui e sei que você se orgulha. Vou me formar! Cheguei aqui junto com tudo aquilo que você sempre disse para termos: conhecimento, educação e respeito, pois isso nos levaria longe e eu voei, mas isso é tão pouco perto do que você nos dedicou aos 47 anos de vida. Obrigada por me olhar aí de cima, e por cuidar tão bem da nossa família. Sinto tua falta, mas não te dou tchau, te ofereço um até logo, sei que um dia voltaremos a nos encontrar, é o que me conforta.

Agradeço às minhas amigas Ana Cláudia e Eloise que nesses quatro anos valorizaram a importância da nossa união e amizade. Que dentre todos os pequenos e poucos desentendimentos que surgiam no caminho sabiam que aquilo acontecia por estarmos estressadas com a rotina. Sem cobrança, sem rancor. Um

sentimento tão verdadeiro que se perde entre os problemas do dia a dia. Meninas, amigas, irmãs, agradeço a vocês por tantas risadas, por tantas lágrimas enxugadas e pela força que me deram nesse caminhar. Estarei aqui para as dificuldades da profissão e para marcarmos aquele vôlei que nunca aconteceu. Amo vocês.

Agradeço também a UNESCO, por me propiciar momentos calorosos e de conhecimento inigualável a qualquer outro já vivido, foi aqui, que aprendi a ser mais eu mesma, a me reconhecer e aceitar, a me entender, a questionar e buscar respostas, a ser mais crítica, e talvez até um pouco chata. Encontrei pessoas aqui que me ensinaram a ser mais humana. Minha segunda casa. A você dedico também um até logo, um tchau prévio, pois um bom filho à casa torna, e eu voltarei.

“E depois que me tiveres lido, joga fora esse livro – e sai. Gostaria que ele te desse desejo de sair – sair de onde quer que seja, da cidade, da tua família, do teu quarto, do teu pensamento. Não leves contigo o meu livro. [...] Que meu livro te ensine a te interessar mais por ti do que por ele – e então por todo o resto mais do que por ti”. Gide (1966, p.21)

RESUMO

A pesquisa que deu forma a esse trabalho de conclusão de curso com linha de pesquisa em Arte e Educação e metodologia em pesquisa narrativa, foi construída a partir de inquietações acerca de experiências com a *pesquisa*, que considera a indagação e a busca como elementos constituintes da formação docente. Investigo aqui, processos de descobrimento acerca da formação de professoras de Artes. A pesquisa teve por objetivo compreender o lugar da *pesquisa* na formação inicial das professoras. As análises trazem as vozes das professoras em formação para as quais enviei uma carta para dar início a uma conversa. A opinião das professoras em formação sobre o papel da *pesquisa* é a questão central. A partir das falas pode-se constatar que as professoras em formação caminham para reconhecer-se como parte importante do processo de pesquisa dentro da Universidade.

Palavras-chave: pesquisa, arte, formação de professores.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Sem título – 2017 Fonte:

<https://issuu.com/matheus.abel/docs/mapas.pptx>

Imagem 2: Com tus propias manos - Rita Ponce de Leon Fonte:

<http://juancanela.com/Rita-Ponce-de-Leon-Con-tus-propias-manos>

Imagem 3: Oficina Pibid Fonte: Acervo pessoal

Imagem 4: Oficina Pibid Fonte: Acervo pessoal

Imagem 5: Oficina Pibid Fonte: Acervo pessoal

Imagem 6: Oficina Pibid Fonte: Acervo pessoal

Imagem 7: Sem título 2017 Fonte: <https://issuu.com/matheus.abel/docs/mapas.pptx>

Imagem 8: Sem título 2017 Fonte: <https://issuu.com/matheus.abel/docs/mapas.pptx>

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LDB – Lei de Diretrizes e Bases;

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais;

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense;

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência;

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. ESCRITA POÉTICA | 19 |
| 2. GERMINAÇÃO - METODOLOGIA | 24 |
| 3. PIBID: PROCESSO DE INCUBAÇÃO DAS FLORES | 27 |
| 4. PESQUISA NA UNIVERSIDADE | 33 |
| 6. A PROFESSORA PESQUISADORA: ANÁLISES | 46 |
| 6.1 Conversando com as flores | 47 |
| 7. PROJETO DE CURSO | 53 |
| 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 56 |
| 9. MENÇÕES | 58 |

INCUBAÇÃO

SEMENTE NA TERRA. ESPERANÇA.

*O nascimento do meu eu
(como flor e por onde flor, floresça)*

Sinto-me agora, nesse final de percurso, responsável pelo que sou e pelo que deixei de ser. Afinal, o que será do futuro “agora”? Muitas coisas me levam a crer em sucesso profissional, mas afinal, o que é ter sucesso? Para muitos, sucesso é dinheiro, fama, *status*. Afirmo, com clareza: não sei! Desculpe se decepcionei na resposta, mas durante muitos percursos que vivi, acabei por me reconhecer de novo, como aqui agora, me refaço a cada linha e é bom que você saiba, e permita que eu me apresente de novo, eu não sou a mesma do minuto atrás. Sempre fui muito curiosa. Desde criança os processos da infância foram bem aproveitados, a mão na lama, o palpitar do coração ao ver uma simples galinha correndo, o sorriso no rosto ao acordar cedo no domingo com o pai puxando o dedo do pé. Engraçado, muitas coisas mudaram por aqui, mas, a curiosidade permaneceu. Sempre me interessei por entender os processos, de tudo, nada em específico.

Quando um sentimento te atinge, como é que você responde?

O desabrochar de uma flor me fazia curiosa, o pássaro ao levantar voo me fazia curiosa, alguém chorando me fazia curiosa, afinal, como acontece o processo da lágrima? Como o sentimento te atinge e como é que o seu corpo responde? Por que o céu é tão grande, ou, atualmente, por que me fiz professora? Não me surpreende a escolha da profissão, afinal o professor se descobre pesquisa e pesquisador, o professor instiga, vai atrás. Pode dar ou tirar coragem. O professor é aquele que ensina a correr atrás de um alimento, alimento esse que se reconstruirá durante toda a vida, alimento que se atualiza, que se renova, se reconstitui. E àqueles que por algum motivo deixaram a curiosidade de lado, que pena! A esperança é saber que nunca é tarde para conhecer. O conhecimento, como o desabrochar da flor, libera muitas e muitas coisas, coisas essas capazes não

só de embelezar o mundo lá fora, mas capazes de fazer vida, de construir vida, tornar-se vida.

R: redescobrimento. reconhecimento. renascimento.

Descobri, na graduação em Artes Visuais, o potencial da pesquisa. Passei a acreditar que o processo educacional, não só nas universidades, se torna mais eficaz quando a pesquisa caminha ao lado. O processo de aprendizagem possibilita que você se faça e refaça. Que você trace caminhos e volte atrás, que você conheça, investigue... Como o processo do desenho, você compreende a importância das medidas, analisa, escolhe cores, você constrói e desconstrói, chega a resultados e não se sente satisfeito, mas não se engane, a satisfação não está no resultado, está no processo de descoberta, pois o mesmo te influencia e ajuda em cada novo resultado e objetivo a se atingir. Nenhum novo conhecimento passa despercebido. Para aqueles que indagam o resultado, (nunca será só um resultado) ele é uma porta, porta essa que te leva para outros campos, outros momentos, outras visões. Que te possibilita relações com outras pessoas e conversas. A pesquisa não está somente nos livros. A pesquisa também é olhar nos olhos e perceber que nem sempre há uma resposta, a pesquisa é o toque, a pesquisa é a conversa, a escrita, os processos de registro.

Demo (2003 p.16) traz a ideia de que “em termos cotidianos, pesquisa não é um ato isolado, intermitente, especial, mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem”. Ou seja, estar em processo de reconhecimento e investigação é sair da zona de conforto e comodismo e se dispor a conhecer com outro olhar um novo mundo. A busca e a inquietação partem de uma insatisfação em discontentar-se em relação a respostas rotineiras.

Acredite que o seu objetivo se constrói a partir do conhecimento.

Não se assuste. Na graduação, todo aquele seu conhecimento e suas experiências culturais, serão analisadas, confrontadas e ampliadas. Não sinta medo! Sinta-se livre para hesitar junto com cada descoberta. Não tenha vergonha de ter curiosidade. O ensino da arte nos traz possibilidades ao modo de investigar no qual as imagens, os processos artísticos e seus resultados se constituem mecanismos de exposição, exploração, construção de saberes, objetos de pesquisa, que envolvem domínio, prática, aprofundamento teórico, modos de ensinar e aprender, modos de ver. A pesquisa por si só, mostra sua seriedade e espaço que vem conquistando, mas, para embasamento existem diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Artes Visuais (BRASIL, 2009), que estabelece a iniciação à pesquisa – científica, artística e tecnológica – como componente indispensável à formação profissional. Vivemos em um “mundo tecnológico visual complexo” (DIAS, 2013, p. 22)

Senti-me flor e esperei o momento de desabrochar. Não tenha medo dos processos, tenha vontade deles.

Acredite se quiser, tudo o que escrevi até agora, faz parte de uma pesquisa. A minha pesquisa. Existem flores que nascem sem espinhos, e existem as que são repletas deles, e, ao analisar o meu renascer como acadêmica percebi que muitos espinhos ainda não me aproximavam do local que eu gostaria de chegar, e muitas perguntas ainda me mantinham com as raízes firmes no mesmo lugar. Como a fotossíntese alimenta as plantas, a pesquisa me nutre.

Reconhecer-se em processo de florescimento

A arte compreende aspectos culturais intrínsecos ao desenvolvimento de diferentes linguagens como a música, o teatro, as artes visuais, a dança, que por sua vez apresentam conhecimentos que se movem para além da expressão, pois promovem o ser sensível. O desenvolver desse ser, lembra-me do nascimento da planta.

o renasc-e-ser..

Assim, o equilíbrio entre essas linguagens complexas e potentes do ensino da arte considera que as mesmas devem caminhar em sintonia com os documentos norteadores da educação básica. Pensar na formação docente e inicial é tão emergente, que o assunto deve ser percebido como algo a não ser tratado somente dentro das universidades, mas também nas escolas que recebem o docente, e o acadêmico em iniciação.

Todas as flores possuem inteligência e sabedoria

Dentro da universidade, espaços de reflexão e pesquisa devem ser favorecidos ao acadêmico em formação, de maneira que o mesmo contribua e reflita de maneira significativa para o desenvolvimento das plantações, bem como o próprio jardim, e conseqüentemente da educação, tendo como finalidade a formação de sujeitos para uma sociedade mais justa e igualitária. Esta pesquisa resulta de pensamentos, indagações e bisbilhotices, durante o percurso acadêmico, com o intuito de compreender questões acerca da formação inicial das professoras¹ e as possibilidades de pesquisa no ensino da arte. Estas indagações me moveram a pensar uma questão de pesquisa, que assim se constitui: **Quais as possibilidades da pesquisa na formação inicial das professoras de Artes Visuais?** Por meio dessa pergunta, muitas outras me vêm à cabeça. E isso me torna o que desde sempre eu fui: pesquisadora. Onde estão as limitações das professoras em formação no acesso à pesquisa? De que maneira a pesquisa pode contribuir para a formação inicial? Como se dá o processo de pesquisa em arte e sobre arte? A acadêmica em formação é incentivada à pesquisa? Como as acadêmicas em

¹ me refiro aqui a professoras por elas terem sido as parceiras em minha pesquisa, mas mais adiante explico melhor o uso do termo.

formação se percebem na pesquisa? O que dizem as professoras de Artes Visuais em formação sobre o papel da pesquisa em seu percurso formativo?

O principal objetivo aqui, no desenrolar dessa grande irrigação, é investigar as possibilidades da pesquisa para a formação inicial das professoras de Artes Visuais. Assim como investigar a profissão docente; conhecer o percurso da formação inicial e o reconhecimento individual das professoras dentro do processo de pesquisa; compreender o ensino de arte no Brasil e investigar percursos da pesquisa no campo da arte. A escrita da pesquisa foi desenvolvida em sete capítulos. No primeiro capítulo apresento a explicação da minha escrita poética onde trago a utilização de algumas analogias pessoais e um pouco sobre mim. No segundo capítulo trago a metodologia onde deixo clara a utilização da escrita narrativa. No terceiro capítulo encontram-se minhas experiências e algumas explicações sobre o projeto PIBID. No quarto capítulo discorro sobre a pesquisa na universidade e a maneira que a mesma se encontra no âmbito acadêmico. O quinto capítulo trata da formação de professores e a relação com a pesquisa. Já o sexto capítulo concentra-se nas professoras pesquisadoras e seus percursos na pesquisa e na formação. E por último a proposta de projeto de curso.

1. ESCRITA POÉTICA

Ao ler, permita-se viajar para dentro do meu interior, aqui, eu Ana Paula, sou uma pequena florzinha dentro de uma grande plantação. Sempre registrei tudo com muito carinho durante o percurso da graduação, seja por meio de desenhos, poesias, fotografias... Muitas coisas eu fiz, me deixei livre para experimentar. Meu interesse era poder voltar futuramente aos registros que presenciei serem feitos nesses anos de graduação em companhia das professoras em formação, com um olhar mais maduro e trazer reflexões potentes sobre o ensino da arte com o maior número de contribuições que eu pudesse dar de acordo com aquilo que eu vivi. E quanta coisa eu vivi!

Inicia-se aqui uma viagem ao mundo particular, ao meu mundo. Nessa escrita, perceba-se como espectador do meu caminho de descobertas dentro da pesquisa, e o caminhar para o reconhecimento da potência da mesma. Mais uma vez as vozes que acompanham meu pensamento acelerado me levam a questionar: De que modo a pesquisa ajuda no desabrochar das professoras? Faço aqui analogias referindo-me as flores que são como as pessoas, os jardins como as escolas, o cultivo como as salas de aula, e a colheita os possíveis resultados. Nesta escrita me refiro aos docentes de Artes como *professoras*, pois a representação da mulher sempre esteve muito presente em mim, busco aqui demonstrar o orgulho que eu sinto pelo papel que as mulheres vêm ocupando nos espaços tornando-as protagonistas da minha pesquisa. As metáforas que utilizo são tão pessoais que antes mesmo de ser, já eram. Quando dei por mim, já estava aqui. É uma porta para que me conheçam no sentido mais íntimo e poético.

A flor está em mim, nasce e cresce todos os dias, eu podo e rego, eu planto e colho. São como os meus resultados e processos. Nunca permiti que me autocensurasse, sempre deixei que o desabrochar das minhas ideias viesse e fosse quando fosse o desejo. Nunca permiti que as ideias saíssem do meu interior sem serem exploradas, sempre fui pesquisadora, pesquisadora no sentido de recolher e

dar ideias, de trocar papéis sem medo de julgamento, a minha pesquisa reflete aquilo que sou: um poço fundo de indagações e questionamentos. Aqui a maioria dos meus relatos serão tratados em primeira pessoa, com a intenção de trazer esses sujeitos pertencentes a minha história para um pouco mais próximos a cada um de nós, criar vínculos entre a minha experiência com a experiência das outras professoras em formação.

Hernandez (2004) nos fala sobre a importância de o sujeito estar vivo dentro da sua pesquisa

[...] não tem sido muitos os professores que têm decidido contar sua história na primeira pessoa. Existe um certo pudor católico que evita, ou freia, que isto esteja possível. Às vezes, nas páginas das revistas de educação [...] aparecem experiências cotidianas de docentes com seus alunos. Mas são experiências sem sujeitos. Na maioria dos casos, crianças e adolescentes aparecem somente na sua dimensão de alunos. Entretanto, o professor se oculta na sombra, permanece no anonimato de seus pensamentos e vivências. Conta o que faz, mas diz pouco sobre o que vive e aprende em sua experiência, em sua trajetória profissional/pessoal. (2004, p.17)

Estar vivo dentro de sua pesquisa também nos demonstra a importância de concentrar-se em si e refletindo sobre o objetivo a ser alcançado. Para isso volto às minhas trajetórias, percebo relações espontâneas de hesitação no momento em que me encontro com a produção do artista Matheus Abel², sinto que o artista produziu diálogos do meu interior, ali narrativas são criadas dentro de caminhos em relação às descobertas de si, dentro de processos íntimos e instigantes. Nada que façamos duas vezes sairá da mesma forma em que na primeira. Descobrir também é relacionar, repensar, jogar o papel fora e voltar ao início. Com isso, sou capaz então de voltar ao meu processo de descobrimento: o ato da pesquisa.

² <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8984227U7>

Artista visual. Investiga a palavra em proposições artísticas e sonoras. Acadêmico da especialização em Poéticas Visuais pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (de 2017/2 a 2019/1). Aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina na disciplina de Processos de Escrita/Escutas de Processo (em 2018/1). Bacharel em Artes Visuais (2016) pela Universidade do Extremo Sul Catarinense com o TCC intitulado: Arte em Vídeo - Videoarte? As Possíveis Definições de Videoarte e Videoartista na Contemporaneidade, orientado pelo professor Me. Tiago da Silva Coelho [...]

Releio – repenso – escrevo – reescrevo – satisfação – frustração



É assim que me vejo enquanto escrevo, penso, repenso, escrevo, me apavoro, sinto felicidade. Cada sentimento é um ato de coragem, é uma descoberta. Pesquisar o espaço da pesquisa em arte em cada campo de atuação que a mesma se insere faz com que eu me sinta viva, e ao mesmo tempo tão pequena. Mais uma vez sinto que um turbilhão de sentidos atravessa todos aqueles entendimentos que eu já havia conceituado e compreendido, é mudança e atualização diárias.

Olhar poético e crítico já não se distinguem de quem eu sou. Pensar em mim, é pensar na pessoa das perguntas sem respostas, ou das respostas sem ter feito uma pergunta. Um turbilhão. Entrar nesse emaranhado é quase como mergulhar e saber que não vai voltar, ou, que até volta, mas jamais como o que era antes. Sou aquela que revive momentos, que traz ideias antigas e que as explora que não deixa com que uma informação passe em silêncio pelo consciente, sinceramente, não sei como ele ainda aguenta tanta informação acelerada, ou, como a memória se fortifica a cada dia. Memória no sentido de reflorescer, de sentir anseio por fazer com que aquela flor adormecida se renove, se sustente, se ajude e ajude outras. Já ouvi muitos dizeres sobre o que eu sou, mas coincidentemente um deles vem à tona com decorrência: Ana: a pessoa prestativa. Prestativa eu? Engraçado, me faço prestativa por que nos momentos de descontração é que as flores desabrocham em suas ideias, conceitos, vivências e experiências. É como um adubo: recolho e reviro informações e guardo no meu acervo (nesse momento mais sementes foram lançadas à terra).

2. GERMINAÇÃO - METODOLOGIA

Início aqui, trazendo Todorov (1979, p.138) onde cita que “uma narrativa ideal começa por uma situação estável que uma força qualquer vem perturbar”. Minhas experiências são histórias, e é no contar dessas histórias que me vem em mente a autoafirmação, questão essa que se modifica e nesse modificar novas histórias vão surgindo. Todo meu percurso se preencheu com narrativas. Fui uma criança muito curiosa, ouvir histórias me instigava e o fato de conhecer novos personagens, movimentações, tempos, espaços, em questões de continuação e (des) continuação me trouxeram aqui. O vento das folhas me trouxe aqui, o adubo, a terra, a semente, tudo contribuiu para que toda uma plantação brotasse no meu interior me levando para longe.

Voei tão longe que aqui estou, voltando a memórias que me levam a viagens longas e cansativas, mas devastadoras no bom sentido. Plantando sementes, revisitando plantios antigos, trazendo novas espécies, colhendo e correndo ao vento. Metaforicamente falo aqui da metodologia da pesquisa, a pesquisa narrativa.

Suaréz nos diz que a:

[...] pesquisa narrativa e (auto) biográfica é que nos ajuda a identificar, documentar, tornar visíveis e publicamente disponíveis a diversidade de significados humanos para dar conta do vivido, do experimentado e do representado, e a multiplicidade de projetos de vida decorrentes deles com traço de horizontes de futuro. (SUARÉZ, 2017, p.11)

Portanto, acredito que dentro da minha pesquisa sou capaz de provocar grandes mudanças na forma do olhar para mim e para os outros. Descrever me permite avaliar e questionar aquilo que expresso como autora e leitora das minhas próprias experiências. Mas, manter a objetividade do projeto me coloca com os pés no chão para que no meio de tantas dúvidas e respostas eu me perca (ou não). CLANDININ e CONNELLY (2011, p.18) citam que “uma verdadeira pesquisa

narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores”.

A pesquisa narrativa sugere tudo aquilo que o meu eu pesquisadora sugere: caminha por textos orais, escritos e visuais. As lembranças que me vêm à mente são o que eu trago aqui, componho uma sinfonia que permite que as flores desabrochem sob o sol. Mas afinal, o que é o sol aqui? Trago o sol como potencializador, como um adubo que dá voz, que me tira do processo de conforto do ouvir e descrever e me coloca a pensar na narrativa como algo que por si só não se basta “[...], portanto, a narrativa não é apenas o produto de um ‘ato de contar’, ela tem também um poder de efetuação sobre o que narra” (DELORY, 2012, p. 82).

A narrativa que apresento vem trazer um olhar para a arte e para a educação, de forma sensível, crítica e íntima. Através desses registros percebo esse momento como um liquidificador de memórias, que discuto comigo mesma, através narrativas no âmbito acadêmico e de formação, valorizando o desenvolvimento profissional, levando em conta o autoconhecimento e os diversos saberes, como forma de pensar e aprender. A intenção é então que essas narrativas tirem o leitor do cômodo e o torne parte da pesquisa.

MARTINS et al., citam que:

As narrativas podem denunciar, compartilhar e/ou mudar modos de produção cultural e social, pois, ao desvelar momentos, imagens e visualidades de suas trajetórias, os indivíduos reorganizam a própria história criando laços de significado e coerência para eventos e acontecimentos marcantes ou, ainda, para aqueles que permanecem encobertos justamente por que não foram visitados com um olhar escrutinador e sensível (MARTINS; TOURINHO; SUARÉZ, 2017 p. 13).

Esta investigação se insere na linha de pesquisa Educação e Arte, do Curso de Artes Visuais da UNESC, com ênfase na formação de professores e iniciação à docência. Quanto à natureza é uma pesquisa básica, e quanto a abordagem do problema é uma pesquisa qualitativa. Uso como procedimento metodológico a pesquisa narrativa a partir de relatos coletados por meio de cartas com seis professoras em formação do curso de Artes Visuais – Licenciatura da

UNESCO. As cartas enviadas, permitem que se construa relações com o outro, acrescentando fatos como novas possibilidades para suas vivências.

De acordo com Goodson (1992), ao ouvir os docentes, podemos reconhecer que os dados são relevantes, na medida em que os projetos pessoais estão articulados a outros de natureza coletiva; são importantes características no pensar a maneira pela qual pode se realizar seu desenvolvimento profissional, considerando então com um olhar para a compreensão do sujeito em um processo de reflexão.

A coleta dos dados com as professoras aconteceu em etapas, primeiramente elaborei as questões e as entreguei às participantes, com as escritas das professoras surgiram os resultados e as análises. A escrita da pesquisa foi desenvolvida em oito capítulos, no primeiro trato de questões relativas ao meu processo pessoal de escrita e a relação poética utilizada. No segundo capítulo, trago a parte metodológica a ser utilizada para a relação da pesquisa. No terceiro, experiências e vivências aparecem quando trato do Projeto Pibid e a importância do mesmo para o reconhecimento da pesquisa. Pesquisa na Universidade é como chama-se o quarto capítulo, que traz um pouco das possibilidades de pesquisa dentro da universidade, seus espaços e importância. O quinto capítulo e último chama-se Formação de professoras: ensino e pesquisa, lá trato sobre a formação das professoras, a relação com a pesquisa, conceitos e prática. No sexto capítulo faço a análise das falas das professoras.

3. PIBID: PROCESSO DE INCUBAÇÃO DAS FLORES

Diante desses processos de reconhecimento tive a oportunidade de participar do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) programa onde o acadêmico em iniciação convivia semanalmente com um professor em atuação na escola e como pesquisador observava e contribuía com a atuação dele para depois discutirmos nossas experiências no contexto escolar. Éramos um grupo grande, com acadêmicos de Artes Visuais de diversas fases e três professores supervisores. Entre eles duas mulheres e um homem, isto nos anos de 2016 e 2017.

O PIBID, dentro da universidade, se configurou, para muitos acadêmicos bolsistas, como um espaço de aprendizagem, compartilhamento de experiências, ações e conhecimentos que vinham para possibilitar que a atuação na escola fosse significativa, desde o processo de graduação, visando estimular a formação e integrar a educação superior à educação básica elevando assim as condições de aprendizagem dos acadêmicos em formação inicial e possibilitando experiências para que nós, futuras professoras, pudéssemos conhecer o ambiente escolar para além do espaço da sala de aula.

Na escola, em primeiro momento, percebe-se que esse habitar entre a pesquisa ainda é novo, há ainda, muitos daqueles que confundem a pesquisa e ou, não se dão conta da importância da mesma. Para a professora supervisora que acompanhávamos, não era muito difícil que confundisse o papel do pesquisador/pibidiano com o de um estagiário.

Dentro desse espaço escolar, disponibilizado pelo projeto, tínhamos a oportunidade de pensar e repensar maneiras diferentes de vivenciar a educação, maneiras essas de florescer em nós a motivação e o desejo de seguirmos a profissão docente. Acompanhávamos o cotidiano de uma professora de Artes buscando aprender com ela e ao mesmo tempo contribuir com melhorias ao ambiente escolar, no sentido de atualizar e trazer novas formas de pensar o ensino da arte. Essas experiências e encontros provocaram em nós acadêmicos

sentimentos que nos levavam a questionar a atuação docente antes mesmo de fazê-la com efetivação. Comumente saíamos daquele ambiente com os olhos esperançosos para o futuro da profissão.

Entre todas essas vivências eram produzidos relatórios, ali, minha narrativa como pesquisadora se fazia presente, contava e enumerava fatos sendo eles bons ou ruins, demonstrava minha frustração e também minha felicidade e admiração com o projeto que abriu portas para que os acadêmicos e docentes percebessem o papel da pesquisa na arte como algo a contribuir na formação inicial e continuada, isso por que, além de reconhecer novos métodos e discutí-los abríamos possibilidades de novas experiências e oportunidades. Trazíamos para nós discentes e para os docentes novos olhares para a educação por meio da pesquisa. Segundo o edital nº 61/2013 da CAPES:

[...] ação tem por base a participação dos licenciandos na realização de maior conhecimento de todas as atividades desenvolvidas nas escolas parceiras, em especial as atividades que tenham relação com o ensino da arte. Assim, pretende-se atingir um dos objetivos do programa, que é oportunizar aos acadêmicos sua inserção na cultura escolar por meio da apropriação e da reflexão sobre instrumentos, saberes e peculiaridades do trabalho docente. [...] Participação nos diversos espaços da escola. A intenção é incluir os acadêmicos nos diversos espaços escolares, como a biblioteca, sala de informática, salas de aulas, atelier de artes, pátio externo, entre outros, abrindo oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas e/ou tecnológicas diversas, ao mesmo tempo em que se pode pensar sobre práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar, que busquem a superação de problemas. (CAPES, 2013. p.8)

A importância da experiência mostra impacto para a formação das professoras em formação:

O projeto em questão pretende atuar, procurando inserir-se neste contexto educacional para perceber, junto com os bolsistas de iniciação à docência, as inconsistências/deficiências e as qualidades da educação básica da região do Extremo Sul catarinense, na busca de uma formação de excelência para os bolsistas do projeto, que os coloquem frente a situações que promova neles o exercício da cidadania. (CAPES, 2013. p.2)

A minha experiência fez-se através de olhares, vivências, experiência e muita potência. Mil e uma possibilidades. Nossos encontros eram semanais, encerrávamos a semana na sexta-feira com momentos de fruição e interação entre o

grande grupo: algo que nos dava um adubo fortificado para continuar acreditando no jardim. Analisávamos e estudávamos textos, imagens, situações.

Discutir, sorrir, estranhar, compreender, conhecer, apreciar.



Imagem 2: Com tus propias manos - Rita Ponce de Leon Fonte: <http://juancanela.com/Rita-Ponce-de-Leon-Con-tus-propias-manos>

Entre todas as experiências uma delas me marcou com mais intensidade. Ao estudarmos um pouco mais sobre a 32ª Bienal de São Paulo intitulada *Incerteza Viva*, procuramos investigar um pouco mais sobre a artista Rita Ponce de Leon (uma das expositoras da Bienal), nos propomos a conhecer mais sobre suas obras. Entre todas acabamos criando laços com a instalação *co tus propias manos*, que para acontecer, a artista precisava que o público visitante manuseasse os objetos dispondo-os de acordo com sua própria vontade, interagindo uns com os outros ao trocarem objetos pelas frestas. A artista procurava criar relações entre o público, mesmo que relações rápidas e efêmeras e foi a partir disso que surgiu a nossa instalação.



Imagem 3: Oficina Pibid – Acervo pessoal

Diante desses estudos, a proposta desenvolvida no projeto tinha como nome *Frutos da Incerteza e da Arte*, instalação onde buscávamos questionar e propor aos alunos que investigassem as suas incertezas, expressando-se poeticamente através de pintura ou escrita em pedaços de madeira, que posteriormente formariam uma instalação coletiva, pendurados em um fio de *nylon* sob uma árvore presente no centro da escola. A turma em que estávamos atuando era um nono ano do ensino fundamental II, tinham 20 alunos na sala, a maioria eram meninas. A escola é localizada próxima a mercados, padarias, farmácias. Coincidentemente era a escola onde passei parte da minha vida como estudante, ela fica próxima à minha casa e por isso existe em mim um grande afeto com o espaço. Todas as aulas de Artes tinham seu espaço próprio e era lá em que surgiam as conversas com os alunos, quando pensamos na proposta de trazer as obras da artista. Montamos uma apresentação e nos direcionamos à sala de vídeo que ficava ao lado da sala de Artes, o que nos possibilitou abrir oportunidades a esses alunos de criarem laços com seu espaço escolar que por muitas vezes era explorado de maneira superficial.



Imagem 4: Oficina Pibid Fonte:Acervo pessoal



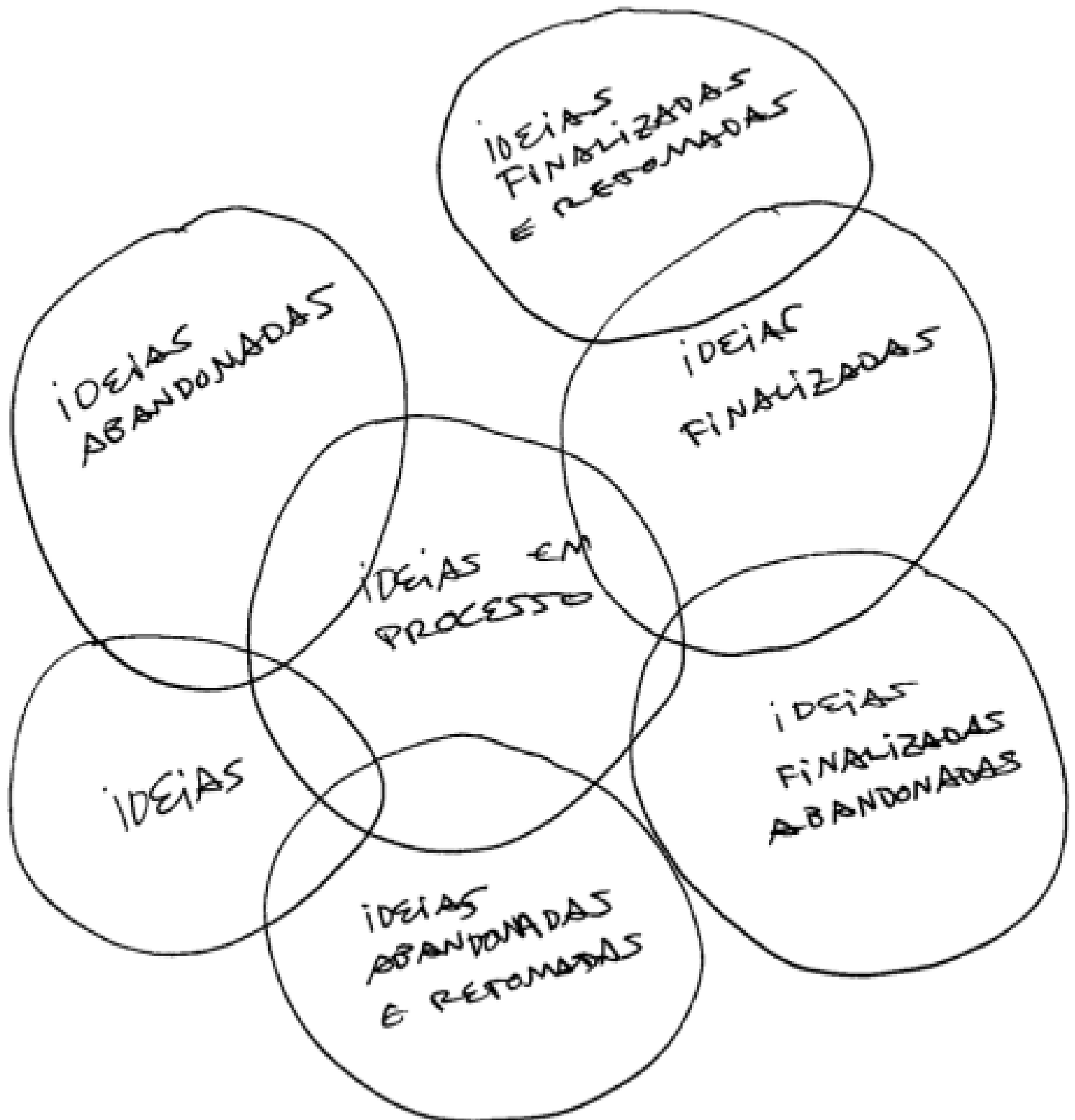
Imagem 5: Oficina Pibid Fonte: Acervo pessoal



Imagem 6: Oficina Pibid Fonte: Acervo pessoal

Com essas experiências foi possível ampliar as possibilidades de ensino em relação a arte abrindo novas informações e olhares para que o comodismo não surgisse em dominância.

4. PESQUISA NA UNIVERSIDADE



Ideias abandonadas, ideias que retorno, olhares que voltam a sua existência.

Podemos dizer, com facilidade, que há pesquisa em tudo, mas me pergunto, portanto, onde é que está a pesquisa na universidade? Sendo que a resposta parece muito simples.

A pesquisa é uma das partes do processo de formação da criticidade de cada profissional. Neste processo, cada um busca capacidade e autonomia para questionar, assim como ensinar. Ambos são processos que não caminham desagregados, a pesquisa por si torna-se um ato cotidiano quando agregado a outras atividades, não apenas quando convém, mas em todos os lugares é possível vê-la.

Segundo Lüdke, os profissionais que buscam caminhar lado a lado com a pesquisa são capacitados a:

Problematizarem, analisarem, criticarem e compreenderem suas práticas, produzindo significado e conhecimento que direcionam para o processo de transformação das práticas escolares. Todavia, reflexão não é sinônimo de pesquisa e o professor que reflete sobre a sua prática pode produzir conhecimento sem, necessariamente, ser um pesquisador. Quando ele avança, indo ainda além da reflexão, do ato de debruçar-se outra vez para entender o fenômeno, encurta a distância que o separa do trabalho de pesquisar, que apresenta, entretanto, outras exigências, entre as quais a análise à luz da teoria (LÜDKE, 2005, p. 8).

Mapeio cada passo que desejo tomar enquanto pesquisadora, mas ao mesmo tempo retomo e retorno ideias antigas fazendo com que toda a organização vá por água abaixo. Inicio então uma nova ideia. Arte enquanto prática de saber.

É nesse ponto que partirei para o início do meu refletir a pesquisa no campo das artes visuais que, na perspectiva que apresento, funciona na reflexão, na linguagem, nas inquietações, nas ferramentas e na formação.

A sociedade em si caminha por mudanças cotidianas, ou seja, os padrões sociais tornam-se outros padrões a cada tipo de mudança ocorrida no mundo. Esses novos padrões indicam os caminhos para as novas pesquisas em arte, e isso faz com que a pesquisa seja uma construção constante de conhecimentos e descobertas, algo constante e móvel.

Demo traz o seguinte pensamento “[...] em termos cotidianos, pesquisa não é ato isolado, intermitente, especial, mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem”

(2003, p. 16), ou seja, a pesquisa não se faz somente no ato de sentar-se diante do computador e pesquisar questões que estão na mente, como algo separado da vida cotidiana. A pesquisa se faz também em condições sociais de convivência com o mundo. Trata-se de um ato de emancipação daquele que pesquisa. Ser autor de se si, levando consigo a autoria do mundo.

É importante que se tenha um olhar de reconhecimento para a pesquisa, como instrumento para o conhecimento humano. MOREIRA (2005 p. 28) nos traz o seguinte questionamento

O que se precisa, então, para ser pesquisador? Antes do método adequado, precisamos do homem inquieto, confiante na busca a que se propõe, destemido diante do erro (pois o erro é o caminho para o acerto), conectado com o mundo.

Demo diz que “[...] desmistificar a pesquisa há de significar, então, a superação de condições atuais da reprodução do discípulo, comandadas por um professor que nunca ultrapassou a condição de aluno” (2003, p. 17)

IDEIAS, PROCESSOS, INVESTIGAÇÃO, ABANDONO, RETORNO, IDEIAS,

Assim como a vida, a pesquisa não para. Nos momentos em que nos encontramos nos afazeres mais comuns do dia a dia, estamos também em processo de pesquisa. Moreira (2008, p.14) cita que: “Trabalho / pesquisa / vida – se não vemos complementaridade entre eles, nenhum deles faz sentido”. Percebo então a necessidade de desmistificar os conceitos de pesquisa, pois, é necessário que a professora em formação que tenha como desejo o ensinar, tenha ciência de que, como cita Demo, (2003, p.14) “[...] quem ensina carece de pesquisar, quem pesquisa carece de ensinar”. O ato da pesquisa carrega consigo o próprio processo de emancipação, pois, aquele que busca além do seu conhecer por outros saberes, parte de uma emancipação que nos traz olhares autônomos do mundo, com propriedade e sem medo. Autonomia e pesquisa nos trazem coisas a dizer, assim como coisas a ouvir. Pesquisar é ser autor de si, uma vez que aquele que busca conhecer, acaba se auto conhecendo também: limitações, inquietações, medos, anseios e desejos. Local de diversidade.

Qual é afinal o papel do ensino da arte? Pensar o caminho percorrido durante o reconhecimento em que a arte por si lutou para ter é necessário, mas atualizar a potencialidade e necessidades em que o ensino vem necessitando também é o mais que necessário, diante do movimento de atualização constante que o mundo vem percorrendo.

5. FORMAÇÃO DE PROFESSORAS: ENSINO E PESQUISA

Sabemos que há muito tempo o sol é direito das plantas.

De acordo com a política de formação de professores explicitada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei Nº 9.394/96 – LDB, a formação da professora precisa estar fundamentada em uma educação para o convívio social entre diferentes culturas reconhecendo os valores e os direitos da humanidade. Ou seja, nesse aspecto a professora em formação inicial deve estar comprometida com seu crescimento profissional participando de uma formação onde identidades coletivas se juntam para somar.

Hernandéz cita que

[...] a formação docente (tanto a inicial como a continuada) necessita ser revisada se pretendemos estabelecer um diálogo permanente entre o que acontece fora da escola (como instituição de formação que passa desde a educação infantil até a universidade), às mudanças na organização dos saberes, nas representações simbólicas, nas formas de trabalho, nas comunicações e na atuação dos docentes em aula. (2015, p. 20)

A partir da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), normas, parâmetros e referenciais foram criados para que se estabelecesse critérios para a formação de professores no que diz respeito a educação básica. De acordo com estes Referenciais para Formação de Professores:

É importante então, que a instituição de formação inicial se empenhe numa reflexão contínua tanto sobre os conteúdos como sobre o tratamento metodológico com que estes são trabalhados, em função das competências que se propõe a desenvolver, já que as relações pedagógicas que se estabelecem ao longo da formação atuam sempre como currículo oculto. As relações pedagógicas vivenciadas no processo de aprendizagem dos futuros professores funcionam como modelos para o exercício da profissão, pois, ainda que de maneira involuntária, se convertem em referência para a sua atuação (2002, p. 68).

*O incessante processo de alimentação das plantas.
a qualidade não passa somente pela questão do ser,
primeiro ela sugere: ser. seja.*

Percebe-se que, atualmente, o contexto exige reformulações nas instituições de ensino, e, conseqüentemente na formação dos profissionais da educação. Segundo os estudos de Varela (1986) e Barbosa (1984) é possível verificar que a formação dos professores para o ensino de arte vem acontecendo no Brasil de forma mais metódica desde a metade do Século XX. Pensar à formação das professoras de artes é refletir sobre o papel que nos cabe enquanto propositoras que visam, especialmente, instigando aos alunos uma compreensão crítica em relação não só aos processos como também à própria experiência trazendo imagens, obras e artistas que além de fecundar o estudo com diversos métodos, incentivando o olhar para diferentes situações, compreendendo que o ensino de artes visuais procura criar relações e significações para as professoras e também para os alunos, bem como diretamente para a formação e desenvolvimento de ambos. Para isso, relaciono então o processo de formação das professoras diretamente à experiência, onde Larrosa (2002, p.27) nos diz que o saber da experiência é o saber “que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (LARROSA, 2002, p.27).

Com interação ou não, aprendemos junto com o outro, e isso nos traz olhares para compreender as maneiras e outros modos de aprender que não àqueles que são perceptíveis, mesmo antes de uma formação, um aprende e outro ensina, um sabe algumas coisas e outro outras. Aprender significa aceitar que a outra pessoa sabe a partir de seu ponto de vista, de sua história, como o começo de alguma coisa, mas não como uma verdade absoluta a se seguir. A experiência da outra pessoa também me interessa, afinal não aprendemos tudo sozinho, não nascemos para sermos seres solitários: aprendemos no mundo e com o mundo. Ou seja, a contribuição de um curso de formação tem resultados mais eficazes nos momentos em que as professoras se sentem à vontade para explorar seus projetos, contribuir e receber contribuições.

Segundo Hernández (p.33 2015) “[...] o trabalho docente não é individual, mas deve caminhar rumo a projetos compartilhados”. Tendo em vista que as professoras se sentem mais à vontade para compartilhar seus projetos, a responsabilidade de interagir e socializar com os outros da sua área para que se atualize das mudanças, é da própria profissional.

É fundamental que cada professora busque constante atualização e aperfeiçoamento de sua área de atuação, levando o seu olhar para além da sua própria disciplina, mas para a educação de um modo geral, onde todos têm um único desejo e interesse que é contribuir para mudanças significativas no ambiente de trabalho, e sociedade. Volto então à falar da minha participação do subprojeto PIBID de Artes Visuais, onde através da pesquisa fui capaz de observar que aquele medo presente dentro das professoras já não era tão grande quando acompanhado por outras pessoas que tinham o mesmo objetivo: ampliar conhecimentos.

Pensando nisso, busquei nesta pesquisa investigar, junto às professoras em formação, a relação das mesmas com a pesquisa. Entreguei a cada uma um envelope, não muito revelador, cada uma com uma muda de suculenta. Cada envelope continha uma carta com algumas questões/reflexões solicitando que cada uma me respondesse da maneira que achasse melhor. Chamei a este procedimento metodológico de entrevista.

Durante a minha trajetória como acadêmica, passei a perceber que é muito comum, hoje, encontrar professoras desorientadas em relação aos seus direitos e deveres relativos à legislação que os ampara. Passei a me questionar sobre isso. Percebi ao observar no PIBID as diferentes atuações das professoras que muitas delas deixaram de desempenhar seu papel com significância, pois entendem que precisam atender às plantas em suas totalidades, mas com individualidade e isso ainda os deixam confusas. É incrível voltar o olhar para a atuação da professora enquanto ser que pesquisa, que percebe, que se permite alucinar e voltar para a realidade.

Percebi que as professoras para estar em totalidade na sala de aula são capazes de entender que há necessidade de ampliação de conhecimentos e formação, pois, hoje, apenas a graduação já não dá conta do que lhe é cobrado quando se diz respeito ao cultivo do jardim com múltiplas flores, cada uma com sua especificidade e característica. Essa minha percepção sobre a atuação das

professoras, apenas amplia mais o desejo de rever o papel da pesquisa enquanto contribuição para a formação das professoras em formação inicial. Transformações políticas, sociais, econômicas e também educacionais refletem na ação dos profissionais da educação, como diz Nóvoa (1999) “As trajetórias da escola, bem como do papel do professor, sofrem com as mudanças das transições da sociedade, incitadas pelos modelos culturais, sociais, econômicos e políticos em que estamos inseridos. ”

Pensando sobre os primórdios do ensino da arte, a ideia de professor, ou mestre para ensinar o ofício da arte, surge em 1816 quando chega uma equipe de artistas vinda da Europa e por conseguinte foram surgindo as escolas de artes, que na época trabalhavam desenho e a cópia de modelos. A arte por si, em seu ensino formal era fragmentada não havia relação entre teoria e prática, valorizava-se então somente a técnica. Durante os anos entre 1950 e 1960 a professora poderia estimular a livre expressão tendo em vista de que isso vinha da modernidade escolanovista onde a arte deixa de ser vista como a grande técnica da cópia e passa então, a valorizar a prática.

Em 1971, com a Lei nº 5.692/71, foi apontado então que a disciplina de *Educação Artística* trouxesse conteúdos de música, teatro, dança e artes plásticas, no primeiro e segundo grau, onde a figura da professora deveria dominar todas essas linguagens.

Porém era comum que essas profissionais se aperfeiçoassem muitas vezes, em cursos de curta duração, ou seja, dois anos ou menos. Nesse tempo, criam-se os PCNs, que vem para trazer a essas professoras o olhar maduro e perceptível para a arte, passando também a ser vista como hipóteses de estudo, a análise e a apreciação da arte podem contribuir tanto para o processo pessoal de criação dos alunos como também para sua experiência estética e conhecimento significativo que ela desempenha nas culturas humanas

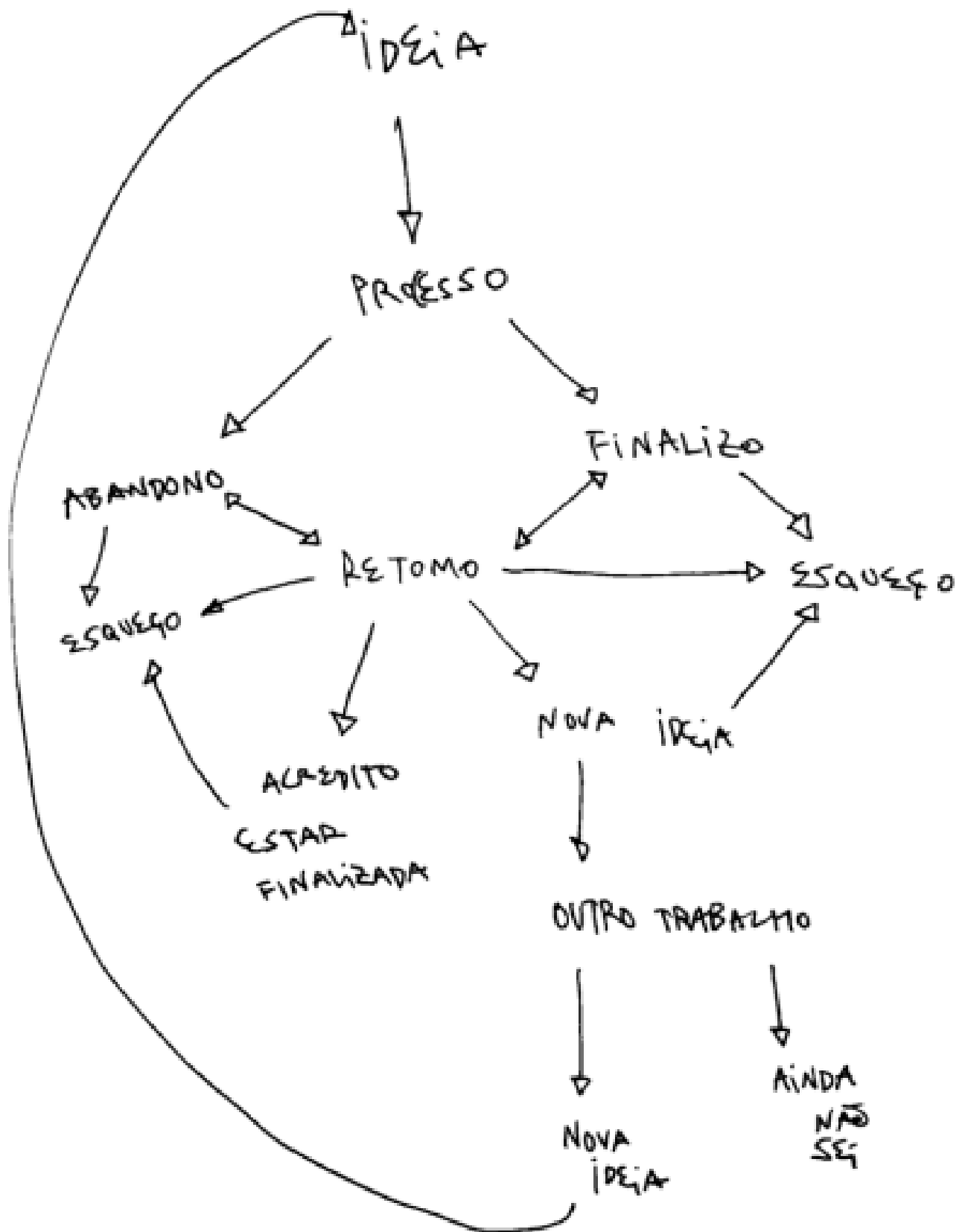
Levando em conta todos os pressupostos até o momento, pensa-se em um professor que busque outros conhecimentos artísticos. A professora deve então atentar-se a apresentar aos alunos um mínimo de aproximação com as diferentes linguagens artísticas para apresentar um ensino de forma coesa, o próprio termo “arte” já deve ser contemplado no seu sentido mais amplo, envolvendo-se em cada uma das áreas de diversidade nas escolas onde a compreensão de arte é

compreensivo, trazendo principalmente a arte contemporânea como algo longe das artes visuais, teatro, dança e música. A arte por si só, é social e tem que estar fundamentada para que outros profissionais possam nos dar a importância necessária na escola. Diante de tudo, como é que fica o processo de formação na universidade e a potência da pesquisa inserida nela?

Por isso, trago aqui a importância de se pensar a pesquisa em relação a formação das professoras, visto que é necessário que as mesmas busquem fundamentação nesses espaços de produção em que passamos tanto tempo na graduação. Dessa maneira, é importante pensar também na estrutura da pesquisa através dessas novas construções sociais no campo de pesquisa de arte e educação, capazes de fazê-las ver que diante do ato da pesquisa, abrem-se percepções sobre o mundo à sua volta. Incessante método de investigação. Trago então mais um esquema do artista Abel, onde faço ligações com meus processos de reconhecimento enquanto pesquisadora. Surge uma ideia, acredito estar finalizada, até que surja uma nova ideia, ideia que não se sabe bem o que é.

Abandono, nesse abandonar surge um processo e é a partir desse processo que percebo então caminhos que percorro, prevendo e experimentando essa interferência na vida acadêmica de maneira prévia ou não, sobretudo para aquelas flores que se propõe a recepção de novos momentos da vida.

Retomar é acreditar que nada se abandona, toda ideia parte de algo momentâneo que futuramente voltará ou não como forma de outra ideia. Esse processo de reconhecer-se é um ato de autonomia. Por exemplo, os projetos desenvolvidos em disciplinas anteriores durante a graduação, como registro pessoal. Tudo faz parte de um ciclo de pesquisa individual que vai e vem, é esquecido e volta, finalizado e aberto novamente. Até o desprezo faz parte.



Como demonstra o artista no mapa anterior, assim como ideias-abandono-finalização-outras funções, os projetos de pesquisa iniciados pelas acadêmicas têm importância o suficiente para pensá-los com ligação direta para o profissional, ou seja, os momentos de dedicação à pesquisa se inserem em questionamentos e indagações sobre seu próprio futuro. Segundo Madalena Freire “[...] pensar e aprender tem-se que perguntar. E para perguntar é necessário existir espaço de liberdade e abertura para o prazer e sofrimento inerentes a todo processo de construção do conhecimento” (1983, p.80). Desmotivar aquela que questiona nunca é um bom caminho para o encorajamento.

O ser inquieto é um ser que conhece, esse conhecer torna-se um exercício saudável que o coloca a frente da reflexão e pronto ou quase pronto para criticidade constante na sociedade, por isso, vem-se junto com a indagação a responsabilidade de manter o foco naquilo que se deseja, de estabelecer tempos, ser sincera consigo mesma e com sua pesquisa, naturalmente vai-se criando um diálogo em termos acadêmicos, sem sensos-comuns, e isso acontecerá sempre a partir de um problema, que por vezes, não terá resposta, ou não tão cedo, portanto acalme-se. Será somente você e sua pesquisa, traçando caminhos e buscando respostas, por vezes provisórias, não sabemos isso também não depende de você.

Quando nos colocamos na pele desse sujeito que pesquisa, já estamos em momentos internos de atualização, pois, esta está sempre a procura de conhecimento e renovação. Esse pequeno ato de questionamento nos coloca em consciência sobre as condições que nos esperam enquanto professoras em formação, prevejo agora esse trabalho como uma extensão de mim, e dos meus questionamentos.

E são nesses procedimentos de reconhecimento, que significações ou frustrações transpassam entre deslocamentos, processos de formação e experimentações. Encontramos o ponto inicial para a pesquisa. Do exterior para o interior ou vice-versa, é um deslizamento entre os dois pontos. Nunca oito ou oitenta, a pesquisa nos permite verificar que entre as duas extremidades existem ainda setenta e duas possibilidades de questionamento. Formação de significados. Não necessariamente uma verdade inquestionável, mas um conhecimento específico que se forma no indagar de um ser que busca por mais caminhos e possibilidades.

A potência da pesquisa se dá pelo esforço daquele que não se contenta com as respostas já articuladas e prontas, mas sim, que se aproxima de questionamentos e busca incessantemente conhecer novos métodos, novas teorias, novos ensinamentos, novos questionamentos, achando ou não resposta para os mesmos. Assumir-se futura professora de Artes consiste em saber que a investigação da sua própria atuação se refere muito além de uma atitude que faz pensar cotidianamente sobre si mesma, encontrando fissuras para escapar da atuação mecânica e das práticas pedagógicas e estéticas tão saturadas, que desencadearam responsabilidades “[...] a cena docente é feita de dificuldades, dissonâncias, resistências, frustrações, erros, acertos, mudanças de rumo, dúvidas, incertezas, conquistas, sucessos” (LOPONTE, 2007, p.236).

Uma formação docente que se faz investigativa, como citado inúmeras vezes necessita entre tudo, conhecer seus próprios desdobramentos, reconhecer sua potência. As pesquisas acadêmicas dentro da educação servem por outro lado em sentidos e objetivos sociais. Posso afirmar uma grande diferença entre colegas que não participavam de um projeto (como as extensões e pesquisa que a universidade promove) com os que participavam. Um exemplo é a própria ida à 32ª Bienal de Arte onde nós bolsistas do projeto PIBID já havíamos estudado a proposta, pensando em possibilidades da junção e condição em que a mesma poderia ser levada à escola, conhecendo artistas e obras presentes no evento. Por outro lado, meus colegas de turma (aqueles que não participavam de momentos como os dos bolsistas dos projetos de pesquisa e extensão) não haviam buscado conhecer a proposta da Bienal, não conheciam os artistas expositores o que resultava em uma visita parcialmente superficial visto que alguns diante da obra procuravam pesquisar um pouco mais sobre o artista em que se depararam ou mais identificavam.

Portanto, reconheço então o papel de cada professora em formação como investigadora que busca por seu próprio interesse à pesquisa como forma de renovar-se. É importante que as professoras tenham de maneira clara a informação sobre valorização da pesquisa dentro do seu próprio processo.

6. A PROFESSORA PESQUISADORA: ANÁLISES

Adubo:

aquilo que nutre, da vida. floresce, renasce.

Sabe-se que a acadêmica em formação tem noção e comprometimento em relação aos processos de ensino aprendizagem, com a constituição, reflexões e seu papel como mediadora social de ensino. Mas, será que a mesma durante seu percurso formativo se encontra em autonomia para desenvolver-se enquanto pesquisadora e buscando arriscar-se fora da linha já traçada pelo ensino na universidade?

A professora tem várias funções e sabe disso, mas busca por melhorias e avanços quando diz respeito a sua atuação no ambiente escolar. Nesta perspectiva vejo como uma das maneiras potentes para que isso se realize, é aproximar-se da pesquisa para caminhar junto com o trabalho que faz, o que a torna capaz de falar e comprovar com autonomia suas proposições e ensinamentos. A pesquisa nesse sentido vem então com um viés inovador, pois, lançar-se na busca de diferentes formas de aprender e ensinar, promovendo a partilha de saberes e assumir o papel de protagonista de sua formação.

A partir destas prerrogativas que penso serem base para a formação de professores, busquei investigar com as professoras em formação, minhas parceiras, suas opiniões e entendimentos em sua relação pessoal com a pesquisa. Entreguei seis cartas às acadêmicas em formação. Início a carta com uma introdução citando um pouco sobre meu descobrimento pessoal na pesquisa, fiz analogias com o processo do desenho e investigação para que assim as mesmas pudessem ter tranquilidade e segurança em suas respostas. Trouxe questionamentos que são: Como tu sentes a pesquisa? Como foi tua relação com a pesquisa no percurso de tua formação na Universidade? Para ti, quais espaços promovem a pesquisa? O que

pensas sobre a pesquisa na formação de professores? Percebes a pesquisa em teu espaço de atuação (escola)? Sente-se autônoma em relação a pesquisa? Percebe a presença da mesma em seu dia a dia? Pedi que respondessem como se sentissem mais confortáveis, e foi o que aconteceu. Texto corrido, tópico, frases curtas e metáforas, apareceram entre as respostas.

Para analisar as respostas das seis professoras, decidi separar por cores os trechos onde se encontrassem, tratando o mesmo assunto em específico, e ficou da seguinte maneira. Sinalizarei as falas das professoras com nomes de flores destacados em *itálico* para que se possa diferenciar entre as citações dos autores que trago para diálogo. Chamarei aqui as professoras com nomes de flores no decorrer da análise, sinalizarei as falas das professoras com seus nomes destacados em *itálico* para que se possa diferenciar entre as citações dos autores que trago para diálogo.

6.1 Conversando com as flores

Como tu entendes a pesquisa? Foi como iniciei e a *Orquídea* respondeu que por muito tempo não soube definir a palavra pesquisa, que somente fez sentido ao entrar na universidade. *É caracterizada por uma curiosidade, um questionamento pessoal*, de fato a professora não está errada, Honorato cita que

Essa visão de emancipação é fundamental para esse estudo que se propõe refletir sobre professores e professoras em formação como autores e autoras que se permitem conhecer para construir novas perspectivas de atuação na profissão e na vida. (HONORATO, p. 19 2015)

Ou seja, o interesse de buscar ampliação dentro da pesquisa é por consequência da própria professora em formação, que nesse percurso vai descobrir-se em emancipação, não deixando com que a responsabilidade fique somente com o professor dentro da universidade. Perceber-se autônoma faz parte do processo. *Orquídea* cita acreditar que a pesquisa por si é muito mais que interrogar-se, é pensar que caminho irá seguir para responder suas indagações. *Azaléa* confessa no

começo da sua resposta que só através de alguém especial reconheceu o papel da pesquisa. *Gérbera* citou que entendeu a pesquisa através da educação. *A pesquisa e educação caminham juntas, mas é muito mais amplo do que parece. Na sua casa, na rua, na universidade, no mercado, na praça, conversando com um desconhecido, indo ao sebo, na praia ou aquele cantinho de paz que já denominasse teu. São campos infinitos de pesquisa, só depende do seu olhar.*

De fato, a pesquisa nesse sentido serve não só como ferramenta que motiva a própria renovação acadêmica (sendo ela em formação inicial ou não), mas que também traz abertura para utilizarem o saber existente, e investigar melhores maneiras de alcançar os alunos no processo de ensino e aprendizagem e, utilizando diferentes materiais, buscando desfechos mais adequados à sua atuação e isso é perceptível através das respostas das mesmas onde demonstra enxergar pesquisa em todos os lugares, como se acompanhassem uma a outra. *Lírio* em sua resposta diz que - *a pesquisa abriga você e você abriga a pesquisa. A pesquisa faz parte do meu viver e aprender.* *Jasmim* diz que ainda existem muitas dúvidas nela em relação a pesquisa, que atualmente encontra-se perdida, e que talvez tenha sido falta de interesse ou por apenas ter decidido colocar outras coisas a frente. *Margarida* cita que para a pesquisa, conta com auxílio dos professores. Ou seja, é perceptível então que ainda algumas das professoras em formação não têm certeza sobre o significado da pesquisa em si, não sabem o que é, ou simplesmente não a entendem.

A segunda pergunta questiona sobre os espaços que promovem pesquisa. *Gérbera* cita que conviveu com um professor supervisor que era professor-pesquisador e que o mesmo a ensinou sobre a importância e papel da pesquisa na universidade, lugar onde a mesma cita o papel dos professores nesse ambiente, -*Desde a primeira fase no curso de Artes Visuais os professores nos instigam a pesquisar, tanto para ambientes como seminários como para a vida.* *Azaléa* cita perceber que reconhece a universidade como espaço de pesquisa, mas que sente os colegas acadêmicos desinteressados. *Lírio* diz - *Na verdade foi só durante o curso que entendi os princípios da pesquisa [...],* *Jasmim* também cita que percebe a universidade como esse espaço de pesquisa - *[...] a partir daí você consegue observar ao seu redor e analisá-lo, mas tendo sua opinião própria a partir de sua experiência.* *Orquídea* diz que todos os espaços são capazes de promover

pesquisa, já que a mesma é um processo pessoal, mas que instituições como a universidade são capazes de fomentar a pesquisa disponibilizando materiais, promovendo debates, rodas de conversa e demais ações.

Diante dessas respostas fui capaz de perceber que algumas ainda veem a palavra pesquisa ligada ao ato de pesquisar como colocar-se diante de um computador e procurar por algo. Entretanto, a resposta da *Orquídea* me deixou bastante contente quando cita a pesquisa por si em um ato pessoal onde demonstra compreender o papel e espaço disponíveis na universidade. Percebo que as docentes em suas ações cotidianas são conscientes de que à sua própria rotina inclui-se no processo de reflexão, propondo-se a uma busca da construção pessoal do saber, permitindo-lhe possibilidades de reconstrução.

Na terceira pergunta, questiono a pesquisa na formação de professores, *Lírio* diz que *“A pesquisa para a atuação se faz muito importante para que o papel do professor seja eficiente. O professor que pesquisa é um professor propositor que reflete, critica e sabe a importância de ser um eterno aprendiz”*. *Orquídea* cita que *“Penso que todo profissional deve ter a pesquisa como base de sua formação, pois ela o ajuda a renovar-se, criar novas soluções para as dificuldades de sua área, manter-se atualizado...”*

Azaléia cita que o professor jamais deveria deixar de pesquisar, tendo em vista a existência de grupos de pesquisa. As outras professoras não citaram nada a respeito. A professora que pesquisa caminha para lugares onde sua atuação visa transformar suas práticas com melhoria, objetivos e resultado. Quando relaciona sua própria prática como objeto de pesquisa, encontra-se mais envolvida, consegue motivar-se a partir de seus resultados que promovem mudanças dentro da sala de aula. Segundo Garcia (2007), professor pesquisador é aquele professor que parte de questões relativas à sua prática com o objetivo de aprimorá-la. Ou seja, reavaliar-se é fundamental em seu percurso, afinal nos modificamos a cada dia e sua atuação docente não está longe disso.

Refletir sobre tal é preocupar-se em tirar os moldes da transmissão de conhecimento enquadrada em uma fórmula elevando a possibilidade de trabalho com formas de novos conhecimentos, criticidade e questionamentos. A professora não pode criticar a eficiência do processo de ensino em que se insere se

continuamente não se propor a investigar-se, pois é impossível que se alcance o sucesso repetindo e repetindo continuamente uma única forma de ensinar.

Na quarta pergunta, questiono a percepções das mesmas sobre a pesquisa nos seus espaços de atuação (escola).

Jasmim diz que ainda há muito professor preso ao comodismo, com pensamentos ultrapassados, seguidos de ideais antiquados. *Lírio* diz perceber a pesquisa até mesmo quando se coloca a observar questões socioculturais, relacionamento dos alunos com seu fazer artístico, relatórios, estágios entre outros. *Gérbera* cita que ao entrar na escola, quando se coloca a refletir percebe ali modos de inovar nas aulas. A biblioteca, as moças da cozinha, ou até mesmo o próprio ambiente escolar. *Orquídea* diz que “*Nem todos os profissionais da educação e alunos mostram-se empolgados com a pesquisa, mas ela é um HÁBITO que deve estar presente na formação [...]*”. As outras professoras não responderam.

A pesquisa abrange uma grande quantidade de opções a serem exploradas e descobertas em seu campo, discutir sobre si e para si já é um ato cotidiano, mas, por outro lado, repensar esses atos traz consigo o esforço para a ampliação dos modos convencionais de vivenciar a educação.

Na quinta pergunta, questiono a autonomia das mesmas diante da pesquisa. *Azálea* diz sentir-se autônoma, porém sente que em algumas etapas a presença do professor é necessária. *Orquídea* cita ainda não se considerar pesquisadora autônoma, pois a pesquisa entrou há pouco tempo em sua vida, sente ainda precisar de um norte, ajuda de professores, mas vem trabalhando nisso e tornando um pouco mais pessoal. *Margarida* cita que “*A pesquisa faz muito parte de mim, pois através dela faço ligação com minha produção artística. Contudo percebo que eu e a minha pesquisa somos uma só*”.

Foi possível perceber aqui que as professoras em formação ainda temem a pesquisa, sentem-se fracas quando são colocadas a frente da pesquisa como pesquisadoras.

Reflexão sobre a prática é de fundamental importância, independente se formado ou estimulado a tal atitude, pois é daí que o professor poderá avaliar-se e terá a condição de modificar suas ações, podendo assim fazer jus a grande responsabilidade que lhe foi atribuída. O que não pode ser retirado pelos defensores da dissociação entre o professor e o pesquisador é o espírito de investigação. (SANTOS apud LIMA, 2018)

Por último, questiono se as professoras percebem a presença da pesquisa em seu dia a dia. Orquídea diz que *“Vejo o perceber ou não perceber como um estado de espírito, tem dias que acordamos mais questionadores com dúvidas, pensamos nos desafios a serem superados e tem dias que apenas vivemos”*, ela foi a única professora a responder explicitamente a pergunta, as outras responderam a pergunta no decorrer das outras respostas quando citam universidade, estágio, fazer artístico entre outros. Para a minha surpresa, recebi ao final de uma das respostas a seguinte metáfora:

“Ela necessita de muito foco. Precisa levar ela para todos os lugares, como uma mochila de conhecimentos. Onde você passa, o que você lê, e tudo o que apreende e relaciona com o que já tens, vais colocando dentro da mochila. Mas ela precisa estar organizada. Você pode até saber onde fica cada coisa que você encontra e coloca lá dentro, mas outras pessoas podem ficar perdidas quando abrirem sua mochila. As pesquisas podem partir de algo pessoal, mas elas sempre podem ser continuadas e contribuídas por outras pessoas. Dessa forma, deixar claro o lugar de cada elemento na sua mochila facilitará sua continuação. Carregar a mochila e andar longas distancias cansativas também não fazem bem. Uma hora ou outra debes te sentar e descansar com ela. Converse com sua mochila. Tome um suco de laranja refrescante com ela. Cansada e tensa você não conseguira aprender nada direito. A caminhada com sua mochila deve ser tranquila e esperançosa. As vezes vai parecer que ela te tira da energia, mas outras ela vai ser a fonte. Ela pode parecer cansar você, mas ela não pesa. Você pode estar andando muito em voltas a procura de algo. Dessa forma seus pés doem e nada acontece. Por isso estar atento a todas as pessoas a sua volta e todas as placas informativas é necessário para que não se perca na sua caminhada. Se você se sentir muito perdida, peça ajuda de direção com alguém de confiança. Não se preocupe, essa mochila não tem peso. É a única que ao invés de te atrapalhar, ajuda-te a caminhar.

“E espero Ana, que caminhe por muitos lugares floridos com sua mochila”.

Ass: Lírio.

A pesquisa por si só nos leva a caminhos que talvez nunca imaginávamos passar, recebi e me reconheci em cada fala das professoras, isso por que agora no final do curso consigo perceber com clareza e entender o que passei em cada fase. Perceber-se com essa insegurança é uma parte tão importante e potente quando qualquer outra. Provavelmente nunca nos sentiremos prontas o suficiente, justamente pelo fato de nos reiventarmos a cada nova conversa, a cada novo ato. Ações cotidianas são pesquisa, vivências são pesquisa. Basta que as pessoas a conheçam e não a temam, está aí um grande papel da universidade no cotidiano das professoras em formação, me permite caminhar por muitos lugares floridos com minha mochila.

7. PROJETO DE CURSO

Título: Flor-e-scendo: Percurso florido na formação inicial de professoras e a (re)descoberta na pesquisa.

Público alvo: Acadêmicas de Artes Visuais - Unesc

Local e Realização do Evento: Universidade do Extremo Sul Catarinense

Justificativa:

O presente projeto foi pensado e fundamentado para efetivação do trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Conta-se aqui com a oportunidade de saber diagnosticar, levantar hipóteses, buscar fundamentação teórica e analisar dados, afinal questões como essas se inserem na investigação de si mesma, quando se considera as dificuldades das atividades da docência e exigências da realidade atual. Propor a pesquisa em diferentes aspectos é o que trará essas professoras em formação para esse momento de curiosidade e descobrimento.

O seu próprio caminhar. Aqui, o projeto de curso propõe repensar na formação da professora como pesquisadora que por si, representa possibilidades para analisar sua prática, considerando as relações entre seu fazer e as condições do espaço escolar e social, que poderá ajudá-la a desenvolver os saberes próprios para a sua formação docente. Perceberá então novos caminhos de pensar a *pesquisa*. É esperado que cada participante, no decorrer do processo, perceba-se capaz de problematizar, compreender, analisar e criticar, produzindo conhecimento e direcionando para futuras transformações de suas práticas escolares.

[...] aquele capaz de refletir a respeito de sua prática de forma crítica, de ver a sua realidade de sala de aula para além do conhecimento na ação e de responder, reflexivamente, aos problemas do dia-a-dia nas aulas. É o professor que explicita suas teorias tácitas, reflete sobre elas e permite que os alunos expressem o seu próprio pensamento e estabeleçam um diálogo reflexivo recíproco para que, dessa forma, o conhecimento e a cultura possam ser criados e recriados junto a cada indivíduo (MALDANER, 2003, p.30).

Possibilitar que as professoras mantenham um olhar para a *pesquisa* de maneira não mecânica é necessário, levando em conta que as mesmas ainda têm um pouco de dificuldade para compreender de fato o que é. Fazer com que interesses pela pesquisa desabrochem e brotem em cada uma é essencial, e para isso proponho a elas reflexões sobre seu cotidiano, problematizações acerca dos seus processos de descobrimento, seus medos, suas dúvidas bem como suas realizações. Assim, a formação das professoras talvez tenha capacidade de atendê-las em totalidade, pois quando as mesmas perceberem que existem outras flores com dúvida sobre seu próprio processo de crescimento, o seu próprio cultivo será mais fácil e a mesma crescerá de maneira mais rápida e eficaz, conhecer a si próprio é um ato de empoderamento e resistência.

Objetivo Geral:

Elevar a potência da pesquisa na formação inicial das professoras de Artes.

Objetivos Específicos:

- Promover debate crítico sobre pesquisa;
- Refletir sobre o espaço da pesquisa na Universidade;
- Ampliar a compreensão sobre a pesquisa em arte e sobre arte;

Metodologia:

O curso acontecerá na UNESCO das 10h às 17h. O mesmo se iniciará com uma conversa informal sobre a experiência das futuras professoras e a relação delas com a pesquisa. À ideia do curso é que as acadêmicas possam se basear nas conversas informais, isso para que a ideia mecanizada da pesquisa dentro da universidade seja desmistificada pelas mesmas. Após a conversa iremos nos reunir para o almoço. Às 13h voltamos para a proposta intitulada: caça às cartilhas-flores-dicas. Essas cartilhas terão as imagens das flores em que as professoras deverão procurar pelo campus, cada cartilha com imagem específica de cada espécie a ser procurada. Ao chegarem em seu destino, outra cartilha deverá ser encontrada e

assim sucessivamente criando laços e percurso em seu re(descobrimento) na pesquisa. O objetivo da caça é fazer com que elas se percebam ativas dentro do processo de investigação, como parte do processo e vivas dentro da pesquisa, pois por meio dessa experiência, diversas formas de conhecimento serão construídas para a ampliação do repertório dessas futuras professoras. A universidade conta com um campus florido e isso nos permite passear internamente e nos depararmos com jardins e grandes árvores antigas, a intenção de explorá-la veio da minha admiração pelas plantas, pois isso as trouxe para dentro do projeto.

Referência do projeto

MALDANER, O. A. **A formação inicial e continuada de professores de química: professor/pesquisador**. Ijuí: Ed: Unijuí, 2000.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa percorreu muitos caminhos, fui capaz de me reconhecer a capa página escrita, me tornei parte da investigação presente aqui. Li, analisei, sorri, e como sorri... Percebo essa pesquisa como início de uma descoberta que caminha para aquilo que sempre desejei... Ser pesquisadora. Conheci novas metodologias, atualizei as minhas e tenho certeza que fará isso com outras pessoas... Futuras professoras quem sabe? A partir das análises realizadas, pude concluir que a pesquisa, na formação das professoras, ainda é pouco entendida como uma ferramenta de investigação estimulação, criticidade e autonomia. A possibilidade de pesquisa que as mesmas encontram é dentro do próprio ambiente universitário, já que é onde encontram-se mais seguras para fazê-la. A universidade entra então com uma grande importância de estímulo a essas professoras que buscam aprimoramento através de seus estudos, procurando manter-se em contato direto com sua poética pessoal, naquele ambiente. A UNESCO como Universidade que é composta de ensino, pesquisa e extensão mostra o quanto se faz necessária a insistência do investimento na pesquisa. Torna-se parte do processo educacional, estimular e conscientizar a professora a conquistar uma consistente formação, direcionada para uma educação reflexiva e permanente, para que isso resulte em ambientes escolares eficientes e de qualidade.

Percebo então, que a professora que se preocupa com sua futura atuação docente, atenta-se a inovar suas possibilidades em ambiente escolar, proporciona aos alunos e a si mesmas novas experimentações. Portanto desejo, que assim como aquelas professoras que admiramos enquanto acadêmicas por suas maravilhosas aulas nos inspirem a chegar lá, mas criando nossos próprios percursos e descobrindo nossos próprios métodos, com responsabilidade e coerência. Perceber o quanto somos únicas e ativas dentro do nosso próprio processo. Os relatos das professoras trazem então a potência de se compreender e principalmente de DESCOBRIR a pesquisa, não só na universidade como na vida. O jardim ainda tem muito a florescer, acredito que a vivências acadêmicas e o passar dos anos irão possibilitar a essas flores que as mesmas se percebam pesquisa e pesquisadoras. Já que estas, sentem-se mais confortáveis no ambiente universitário percebo a importância da vivência ativa dentro dos projetos em que a nossa universidade, a universidade de PESQUISA E EXTENSÃO possa nos possibilitar.

9. MENÇÕES

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 5.692/71**. Brasília, MEC, 1971.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96**. Brasília: Editora do Brasil, 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Volume 6 -Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais nº 255/2009**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2009/rces001_09.pdf. Acesso em: 20 de Setembro.

BARBOSA, A. M. (Org.). **A compreensão e o prazer da arte**. São Paulo: SESC Vila Mariana, 1998.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DIAS, Belidson. *A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução*. In: DIAS, B.; IRWIN, R. (Orgs.). *Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013, p. 21-26.

DELORY, M. C. **A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas**. In: ABRAHÃO, M. H. M. B; PASSEGGI, M. (Org.). *Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica: Tomo I*. Natal: EDUFRN: Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador, EDUNEB, 2012.

DEMO, Pedro (2003). **Pesquisa: Princípio científico e educativo**. 10ª Ed. São Paulo: Cortez.

DEWEY, John. **Reconstrução em Filosofia**. Trad. Antonio Pinto de Carvalho revisada por Anísio Teixeira. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas: Papirus. 2004.

FIOR, Camila Alves; MERCURI, Elizabeth. **Formação universitária e flexibilidade curricular: importância das atividades obrigatórias e não obrigatórias**. *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 29, p. 191-215, dez. 2009. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 10 de Agosto de 2018.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1998.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1992.

GARCIA, Vera C. G. **Fundamentação teórica para as perguntas primárias: O que é Matemática? Porque Ensinar? Como se ensina e como se aprende?.** Apostila, 2007.

GOODSON, Ivor. **Dar voz ao professor: histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional.** In: NÓVOA, António (org.) *Vidas de professores*. Portugal: Porto, 1992..

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **Trajetórias cartográficas na formação de professores e professoras de artes: espaços do possível.** 2015. Disponível em: http://pergamum.unisul.br/pergamum/pdf/110516_Aurelia.pdf Acesso em: 20 de Outubro de 2018.

KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola.** Sao Paulo, Ática, 1993a.

LARROSA, Jorge. **Algunas notas sobre la experiencia y sus lenguajes.** Conferencia: *Seminario Internacional La Formación Docente entre el siglo XIX y el siglo XXI*. Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología - Organización de Estados Iberoamericanos. Buenos Aires, 2002. Disponível em: http://www.me.gov.ar/curriform/publica/oei_20031128/ponencia_larrosa.pdf. Acesso em 09 de Agosto de 2018.

LIMA, Marcos H. M. **O professor, o pesquisador e o professor-pesquisador.** Disponível em: http://www.amigosdolivro.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=3754 . Acesso em: 20 de setembro de 2018.

LOPONTE, L. G. **Arte da docência em arte: desafios contemporâneos.** In: OLIVEIRA, M. O. (Org.). *Arte, educação e cultura*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007. p.231-249.

LÜDKE, M. et al. **O professor, seu saber e sua pesquisa.** *Educação & Sociedade*, vol. 22, n. 74, p. 77-96, 2005.

MOREIRA, Janine. *In: Educação e arte: As linguagens artísticas na formação humana/ Celdon Fritzen, Janine Moreira (Orgs.).* Campinas., SP: Papirus. 2005 – (Coleção Ágore)

NOVOA, A. **Profissão professor.** Portugal: Porto, 1999.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (orgs.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2004.

PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Edital 61/2013 - CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>
Acesso em: 20 de setembro de 2018.

RIBEIRO, Renato Janine (2003). **A universidade e a vida atual: Fellini não via filmes**. Rio de Janeiro: Campus.


TODOROV, I. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

VARELA, Noemia A. **A formação do arte-educador no Brasil**. In: Barbosa, A. M. T. B. (Org.). **História da arte-educação: a experiência de Brasília**. São Paulo: Max Limonade, 1986.

ZAMBONI, Silvio. **A Pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

APÊNDICE

Apêndice A – Termo de autorização do uso de imagem e fala.

| | |
|---|---|
|  | UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO |
|---|---|

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, (NOME), _____ (ESTADO CIVIL),
 _____ (PROFISSÃO), _____ portador(a) da
 carteira de identidade nº (NÚMERO), _____ expedida pelo (ÓRGÃO
 EXPEDIDOR), _____ inscrito(a) no CPF sob o nº
 (NÚMERO) _____, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa do acadêmico Ana Paula Corrêa Antônio do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação do Prof. Aurelia Honorato para que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa
